

# Sobre a revolta do Islam

Tradução de Jaqueline Bohn Donada<sup>1</sup>

## A revolta do Islam Um poema em doze cantos

O céu de bronze nunca lhe é dado  
a escalar  
Mas de todas as glórias que a nossa  
graça mortal  
          alcança, ele completa a mais distante  
viagem.  
E ao viajar, nem de navio nem a pé,  
conseguirias encontrar  
o maravilhoso caminho para a assembleia dos  
Hiperbóreos

Píndaro, Décima Ode Pítica<sup>2</sup>

---

1 Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

2 [N. da T.] Shelley, demonstrando influência da tradição clássica na poesia romântica das Ilhas Britânicas, retira da Décima Ode Pítica de Píndaro a epígrafe do seu poema. De acordo com Harding (2012, p. 435), os versos sugerem a impossibilidade de se alcançar o ideal delineado no poema e o heroísmo daquele que assim tenta. A tradução apresentada aqui é feita a partir daquela para o inglês citada por Harding em seu texto "Shelley, Mythology and The Classical Tradition" IN: O'NEIL, Michael; HOWE, Anthony (eds.) *The Oxford Handbook of Percy Bysshe Shelley*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

## Prefácio

O Poema<sup>3</sup> que agora apresento ao mundo é uma tentativa da qual ousou esperar pouco sucesso e na qual um escritor de fama estabelecida poderia fracassar sem que isso fosse uma desgraça. É um experimento sobre o temperamento da opinião pública, sobre o quanto uma sede por uma condição moral e política mais feliz para a sociedade sobrevive entre os esclarecidos e refinados, às tempestades que têm assolado a era em que vivemos. Busquei obter a harmonia da linguagem métrica, as combinações etéreas da imaginação, as rápidas e sutis transições da paixão humana, todos aqueles elementos que essencialmente compõem um Poema em nome de uma moralidade liberal e abrangente e com a intenção de acender no seio dos meus leitores um entusiasmo virtuoso por aquelas doutrinas de liberdade e justiça, aquela fé e esperança em algo bom que nem a violência, nem a má representação nem o preconceito jamais possam extinguir totalmente da humanidade.

Com esse propósito, escolhi uma história sobre a paixão humana em seu aspecto mais universal, diversificada com aventuras comoventes e românticas, e atraente, por seu desprezo a todas as instituições e opiniões artificiais e às simpatias de cada coração humano. Não fiz nenhuma tentativa de recomendar os motivos que eu trocaria por aqueles que atualmente governam a humanidade com argumentos metódicos e sistemáticos. Eu despertaria esses sentimentos apenas para que o leitor pudesse ver a beleza da verdadeira virtude e ser incitado pelas indagações que me levaram à minha crença moral e política e à crença de alguns dos mais sublimes intelectos do mundo. O Poema, portanto (com exceção do primeiro Canto, que é puramente introdutório), é narrativo, não didático. É uma sucessão de imagens que ilustram o crescimento e o progresso da mente individual que aspira à excelência e se devota ao amor à humanidade; sua influência em refinar e tornar puros os impulsos mais ousados e incomuns da imaginação, do entendimento e dos sentidos; sua impaciência com “todas as formas de opressão cometidas nesse mundo”; sua tendência de despertar a esperança pública e de iluminar e aperfeiçoar a humanidade; os efeitos rápidos da aplicação dessa tendência; o despertar de imensa nação de sua escravidão e degradação rumo a um verdadeiro senso de dignidade moral e de liberdade; a exangue deposição de seus opressores e a descoberta das fraudes religiosas pelas quais essa imensa nação tem sido iludida e subjugada: a tranquilidade de um patriotismo bem-sucedido, a tolerância e a benevolência universais da

3 [N. da T.] Shelley usa, sem motivos gramaticais, letra maiúscula para uma série de palavras, como “poema”, “poeta” e “poesia” e tantas outras que o leitor encontrará ao longo do texto. A tradutora entende que sua escolha representa o princípio romântico de idealizar e personalizar ideias e objetos de valor simbólico e artístico e, portanto, preserva o uso de letra maiúscula em todas as palavras assim grafadas no texto original.

verdadeira filantropia; a traição e a barbárie de soldados contratados; o vício que não se torna objeto de punição e ódio, mas de bondade e piedade; a infidelidade dos tiranos; a confederação dos Governantes do Mundo e a restauração da Dinastia banida por armas estrangeiras: o massacre e a exterminação dos Patriotas e a vitória do poder estabelecido, as consequências do despotismo legítimo, da guerra civil, da fome, da peste, da superstição e uma completa extinção das afeições domésticas; o assassinato judicial dos advogados da Liberdade; o triunfo temporário da opressão, aquela certeza de sua queda final e inevitável; a natureza transitória da ignorância e do erro e a eternidade do gênio e da virtude. Essa é a série de reflexões que constitui o Poema. E, se as paixões grandiosas pelas quais procurei diferenciar a história não incitarem no leitor um impulso generoso, uma sede ardente por excelência, um interesse forte e profundo, daqueles que pertencem a não menores desejos, que o fracasso não seja atribuído a uma natural inaptidão à simpatia humana nesses temas sublimes e excitantes. A função do Poeta é comunicar a outrem o prazer e o entusiasmo que derivam dessas imagens e sentimentos, em cuja vívida presença consiste, a uma só vez, a sua inspiração e a sua recompensa.

O pânico que, como uma epidemia, tomou conta dos homens de todas as classes durante o excesso que resultou da Revolução Francesa está gradualmente cedendo lugar à sanidade. Não se acredita mais que gerações inteiras da humanidade devam se consignar a uma herança desesperada de ignorância e miséria porque uma nação de homens tolos e escravos, que durante séculos foram incapazes de conduzir-se com a sabedoria e a tranquilidade de homens livres assim que alguns de seus grilhões foram parcialmente afrouxados. Que a sua conduta não poderia ter sido marcada por nenhuma outra característica além de ferocidade e imprudência é o fato histórico do qual a liberdade aufere todas as suas recomendações e a falsidade aufere todas as piores qualidades da sua deformidade. Há um refluxo na maré das coisas humanas que carrega as naufragadas esperanças dos homens a um porto seguro depois que a tempestade passa. Parece-me que aqueles que hoje vivem sobreviveram a uma era de desespero.

A Revolução Francesa pode ser considerada uma daquelas manifestações de um estado geral de sentimentos entre homens civilizados, provocadas por uma falha na relação entre o conhecimento existente na sociedade e o aperfeiçoamento ou gradual abolição das instituições políticas. O ano de 1788 pode ser tomado como a época de uma das crises mais importantes produzidas por esse sentimento. Os sentimentos comuns relacionados a esse evento estenderam-se a todos os corações. As naturezas mais gentis e amáveis foram aquelas que compartilharam mais intensamente essas simpatias. Mas esperava-se um grau tal de bem puro que era impossível de se alcançar. Se a Revolução tivesse sido próspera em todos os seus aspectos, então o mau governo e a superstição não nos causariam tamanha repugnância, como grilhões que o prisioneiro pode

romper com o menor movimento dos dedos e que não corrói a alma com ferrugem venenosa. A repulsa causada pelas atrocidades dos demagogos e pela restauração de sucessivas tiranias na França foi terrível e sentida nos mais remotos recantos do mundo civilizado. Será que eles poderiam ouvir o pleito da razão que estivera gemendo sob as calamidades de um estado social no qual um homem se rebela com luxo enquanto outro morre de fome por falta de pão? Será que aquele que, no dia anterior, foi um escravo pisoteado, consegue, de repente, tornar-se uma mente liberal, indulgente e independente? Essa é a consequência dos hábitos de um estado de sociedade a se produzir por uma perseverança resoluta, por uma esperança incansável, por uma coragem que muito já sofreu e acreditou e por tentativas sistemáticas de gerações de homens de intelecto e virtude. Essa é a lição que a experiência ensina. Mas, nos primeiros reveses da esperança no progresso da liberdade francesa, a avidez sanguínea pelo bem se sobrepôs à resolução desses problemas e, durante algum tempo, se extinguiu na imprevisibilidade de seu resultado. Dessa forma, muitos dos mais ardentes e ternos adoradores do bem público foram moralmente destruídos pois um vislumbre parcial dos eventos que deploravam revelou-se como a melancólica desolação de todas as suas queridas esperanças. Logo, melancolia e misantropia tornaram-se as características da era em que vivemos e o consolo de uma decepção que, inconscientemente, encontra alívio apenas no exagero deliberado do próprio desespero. Essa influência tem manchado a literatura da nossa era com a desesperança das mentes das quais ela flui. Metafísica<sup>4</sup> e indagações sobre ciência política e moral tornaram-se pouco mais do que vãs tentativas de reviver superstições já destruídas ou sofismos como aqueles<sup>5</sup> do sr. Malthus, calculados para atrair os opressores da humanidade para um sentimento de segurança e triunfo eterno. Nossas obras de ficção e poesia têm sido obscurecidas pela mesma melancolia infecciosa. Mas a humanidade me parece estar emergindo do seu transe. Percebo, creio eu, uma mudança pequena, gradual e silenciosa. Com essa opinião, compus o Poema que segue.

Não tenho a pretensão de competir com nossos maiores Poetas contemporâneos. No entanto, também não estou disposto a trilhar o mesmo caminho daqueles que me precederam. Procurei evitar a imitação de qualquer estilo de linguagem ou de versificação que fosse peculiar às mentes originais das quais elas são características, de forma que, aquilo que produzi, ainda que não tenha valor, seja propriamente meu. Também não permiti que qualquer sistema de meras

4 N. do A.] Deve-se excetuar *Academical Questions*, de Sir W. Drummond, uma obra de crítica metafísica muito aguçada e poderosa.

5 N. do A.] É notável, como um sintoma da revitalização da esperança pública, que o sr. Malthus, nas edições posteriores do seu trabalho, atribuiu um domínio indefinido à restrição moral sobre o princípio da população. Essa concessão responde a todas as inferências oriundas dessa doutrina desfavorável ao aperfeiçoamento humano e reduz o *Ensaio sobre a População* [*Essay on Population*] a um comentário ilustrativo do caráter de irresponsabilidade de *A Justiça Política*.

palavras desviasse a atenção do leitor de qualquer interesse que eu tenha conseguido suscitar para a minha própria inventividade em desagradá-lo de acordo com as regras da crítica. Apenas revesti meus pensamentos com que me pareceu a linguagem mais óbvia e apropriada. Uma pessoa familiarizada com a natureza e com as produções mais célebres da mente humana dificilmente erra em seguir seu instinto no que diz respeito à linguagem produzida por tal familiaridade.

Está aí uma educação particularmente adequada a um Poeta, sem a qual o gênio e a sensibilidade mal conseguiriam preencher o círculo de suas capacidades. De fato, nenhuma educação poderia conceder esse nome a uma mente embotada e desatenciosa ou a uma em que, embora aguçada e atenciosa, os canais de comunicação entre pensamento e expressão tenham sido obstruídos ou fechados. Quão longe está a minha fortuna de pertencer a qualquer uma dessas classes eu não sei. Eu almejo ser algo melhor. As circunstâncias da minha educação accidental foram favoráveis a essa ambição. Eu conheci, desde a infância, montanhas, lagos, o mar e a solidão das florestas: o Perigo, que se diverte à beira de precipícios, foi meu companheiro. Eu trilhei as geleiras dos Alpes e vivi sob o olho do Mont Blanc. Eu fui andarilho pelos campos distantes. Eu naveguei por rios possantes e vi o sol nascer e se pôr e as estrelas aparecerem enquanto eu navegava dia e noite por uma rápida corrente entre as montanhas. Eu vi cidades populosas as paixões que surgem e se espalham e depois afundam e mudam entre multidões de homens. Eu vi o teatro das mais visíveis devastações da tirania e da guerra, cidades e vilarejos reduzidos a grupos dispersos de casas pretas e sem teto e os moradores desnudos e famintos nas soleiras das portas. Eu conversei com homens geniais. A poesia das antigas Grécia e Roma, da Itália moderna e do nosso próprio país foi, para mim, como a natureza, a paixão e o deleite. Essas são as fontes das quais tirei o material para o conjunto de imagens do meu Poema. Considerei a Poesia em seu sentido mais abrangente, li os Poetas, os Historiadores e os Metafísicos<sup>6</sup> cujos escritos me foram acessíveis e contemplei o cenário belo e majestoso da terra como as fontes daqueles elementos que os Poetas incorporam e combinam. No entanto, as experiências e os sentimentos aos quais me refiro, por si só, não transformam homens em Poetas, apenas os preparam para ser ouvintes daqueles que já o são. O quanto eu descobrirei que possuo daquele atributo mais essencial da Poesia, o poder de despertar em outros sensações como aquelas que animam meu próprio coração, eu, para falar sinceramente, não sei. Com um espírito complacente e satisfeito, espero aprender pelo efeito que produzirei naqueles a quem agora me dirijo.

Eu evitei, como disse anteriormente, imitar qualquer estilo contemporâneo. Mas há que existir, entre os escritores de uma época em particular, uma semelhança

6 N. do A.] Nesse sentido, pode haver algo como perfectibilidade em obras de ficção a despeito da concessão frequentemente feita pelos advogados do aperfeiçoamento humano de que perfectibilidade seja um termo somente aplicável à ciência.

que independe de suas próprias vontades. Eles não deixam de estar sujeitos à influência comum que surge da combinação infinita das circunstâncias que pertencem aos tempos em que vivem, embora cada um seja, de uma certa forma, o autor da própria influência que permeia seu ser. Dessa forma, os Poetas trágicos da era de Pércles; os restabelecedores Italianos do aprendizado antigo; aqueles poderosos intelectos do nosso próprio país que sucederam a Reforma, os tradutores da Bíblia, Shakespeare, Spenser, os Dramaturgos Elizabetanos e Lord Bacon<sup>7</sup>; os espíritos mais áridos do intervalo que se sucedeu: todos se parecem uns com os outros e também diferem de cada um em suas várias classes. De acordo com essa visão das coisas, Ford não é mais imitador de Shakespeare do que Shakespeare é imitador de Ford. Talvez tenha havido outros poucos pontos de semelhança entre os dois além da influência universal e inevitável que a época produziu. E essa é uma influência da qual nem o mais medíocre escrevinhador nem o mais sublime gênio de qualquer era consegue escapar e da qual não tentei escapar.

Eu adotei a estrofe spenseriana (uma escala indizivelmente bonita) não porque a considere um modelo de harmonia poética mais belo do que o verso branco de Shakespeare e Milton, mas porque nele não há abrigo para a mediocridade: ou você tem sucesso ou você falha. Talvez seja isso que um espírito aspirante deseje. Mas me deixei seduzir, também, pelo brilho e pela magnificência do som que uma mente nutrida com pensamentos musicais consegue produzir pelo correto e harmonioso arranjo das pausas dessa escala. No entanto, encontrar-se-ão casos em que falhei completamente nessa tentativa. Um, que peço que o leitor considere como uma errata, trata-se de um inadvertido alexandrino no meio de uma estrofe.

Nisso, assim como em todos os outros aspectos, escrevi destemidamente. É uma grande infelicidade desta era que os seus Escritores, muito negligentes da imortalidade, são sofisticadamente sensíveis à aprovação e à censura contemporânea. Eles escrevem com o medo das Resenhas diante de seus olhos. Esse sistema de crítica surgiu naquele intervalo entorpecido quando não havia Poesia. A Poesia e a arte que professa regular e limitar seus poderes não podem existir juntas. Longino jamais poderia ter sido contemporâneo de Homero, nem Boileau, de Horácio. No entanto, essa espécie de crítica nunca presumiu afirmar um entendimento próprio. Diferentemente da verdadeira ciência, ela sempre seguiu, e não precedeu, a opinião da humanidade e subornaria, ainda hoje, com adulações sem valor, nossos maiores Poetas para impor grilhões gratuitos à sua imaginação e torná-los cúmplices inconscientes do assassinato diário de toda a genialidade, ainda que nem tão pretenciosa nem tão promissora quanto a deles. Eu procurei, portanto, escrever como acredito que Homero, Shakespeare e Milton escreveram, desconsiderando completamente a censura anônima. Estou certo de que calúnia e má representação, embora possam me

7 [N. do A.] Milton se encontra sozinho na era que ele mesmo iluminou.

comover, não podem me perturbar a paz. Entenderei o silêncio expressivo daqueles inimigos sagazes que não ousam confiar na sua própria fala. Tentarei extrair dos insultos, desprezos e maldizeres as advertências que possam me levar a corrigir quaisquer imperfeições que tais censuras consigam descobrir nesse meu primeiro apelo sério ao Público. Se certos Críticos fossem tão esclarecidos quanto são malignos, quão grande não seria o benefício advindo de seus escritos virulentos! Assim, temo que serei malicioso suficiente para me divertir com suas travessuras miseráveis e suas invectivas capengas. Se o público julgar que minha composição não tem mérito, eu me curvarei diante do tribunal do qual Milton recebeu sua coroa de imortalidade e tentarei juntar, se eu viver, forças dessa derrota que me encorajem para alguma nova empreitada que não seja isenta de mérito. Não posso conceber que Lucrécio, quando projetou aquele Poema cujas doutrinas são ainda a base do nosso conhecimento metafísico e cuja eloquência tem encantado o mundo, tenha escrito com medo das censuras que os sofistas contratados pelos impuros e supersticiosos nobres de Roma poderiam fazer ao que ele produzisse. Foi no período em que a Grécia estava cativa e a Ásia era tributária da República, beirando a escravidão e a ruína, que uma multidão de prisioneiros Sírios fiéis ao culto de seu obsceno Ashtaroth e os indignos seguidores de Sócrates e Zeno lá encontraram uma precária subsistência cuidando, sob o nome de homens libertos, dos vícios e das vaidades dos poderosos. Esses homens desprezíveis eram hábeis em advogar, com um conjunto superficial, mas plausível de sofismos, em favor daquele desprezo pela virtude que cabe aos escravos e daquela fé em presságios, o mais fatal substituto para a benevolência na imaginação dos homens, que, surgindo das comunidades escravizadas do Leste primeiro começaram a impressionar as nações ocidentais no seu fluxo. Era esse o tipo de homens cuja desaprovação o sábio e eminente Lucrécio deveria considerar com salutar temor? O mais recente e talvez o mais mesquinho dos seus seguidores desdenharia viver nesses termos.

O Poema agora apresentado ao Público ocupou pouco mais de seis meses em sua composição. Esse período foi dedicado à tarefa com contínuo ardor e entusiasmo. Pratiquei uma crítica cautelosa e honesta sobre meu trabalho conforme ele crescia em minhas mãos. Eu o teria enviado ao mundo, de bom grado, com aquela perfeição que árduo trabalho e revisão parecem proporcionar. Mas achei que ainda que eu ganhasse algo em exatidão com esse método, eu perderia muito da novidade e da energia das imagens e da linguagem que fluiu virgem da minha mente. E, embora a mera composição não tenha ocupado mais de seis meses, os pensamentos aqui dispostos foram lentamente formados ao longo de tantos anos.

Confio que o leitor vá distinguir cuidadosamente entre aquelas opiniões que têm uma propriedade dramática em relação aos personagens que pretendem elucidar e aquelas que são realmente as minhas. A ideia errônea e degradante que os homens conceberam sobre um Ser Supremo, por exemplo, é criticada

aqui, mas não o Ser Supremo em si. A crença que algumas pessoas supersticiosas trazidas ao palco apresentam na Divindade, tão injuriosas ao caráter de sua benevolência, é amplamente diferente da minha. Ao recomendar também uma grande e importante mudança no espírito que anima as instituições sociais da humanidade, evitei toda e qualquer bajulação às paixões violentas e malignas da nossa natureza, que estão sempre à espreita para se misturar às mais benéficas inovações. Não há nenhum quinhão dado à Vingança, à Inveja ou ao Preconceito. O amor é celebrado por toda a parte como a única lei que deve governar o mundo moral.

1817

Original em: SHELLEY, Percy Bysshe. *The Works of P.B.Shelley*. Cumberland: Wordsworth Editions Limited, 1994, p. 49-54.

Obra em domínio público, original em <<https://www.gutenberg.org/ebooks/4800>>.

*Acesso em 17/06/2015.*

